

Complexo da Santa Casa projeta aplicar R\$ 243,5 milhões até o primeiro semestre de 2028, com R\$ 198,8 milhões já captados



REPORTAGEM ESPECIAL | PÁGINAS 5, 6, 7, 8 E 9

Setor de saúde entra em nova fase de expansão no RS

EM PAUTA

Camila Paulo Atelier investe em moda autoral e projeta R\$ 700 mil de receita

Empresa de Garibaldi prevê crescimento de 40% com foco em moda autoral e inovação

Agnês Noll

agnes@jcrs.com.br

Fundado em 2017, o Camila Paludo Atelier é um espaço de moda sob medida e experiência personalizada, dedicado especialmente à produção de vestidos de noivas e de festa. Sediado em Garibaldi, o espaço encerrou 2025 com um faturamento de R\$ 500 mil e projeta chegar ao fim de 2026 com um faturamento de R\$ 700 mil.

Com um atendimento personalizado e humanizado, os vestidos feitos no ateliê são usados por clientes do Rio Grande do Sul e de outros estados como São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro e até de outros países, como os Estados Unidos. Para isso acontecer, a fundadora do Camila Paludo Ate-

lier, Camila Paludo, acompanha de perto todo o processo. “Eu consigo dar atenção e lembrar daquela pessoa, viver com ela aquele momento, porque é muito único pra ela. E eu me sinto muito grata de ter sido escolhida”.

Os próximos passos do ateliê foram decisivos. Em busca de se tornar referência em moda autoral gaúcha com reconhecimento nacional, o espaço utiliza ferramentas tecnológicas para auxiliar na criação dos vestidos, integrando recursos digitais ao trabalho manual.

A expansão de público também é parte-chave do processo, uma vez que 80% do público é da região de Porto Alegre. “Mas a ideia é expandir cada vez mais nesse sentido de conquistar outros estados com pessoas vindo até o Rio Grande do Sul, vivenciando também o nosso turismo”, comenta a estilista.

O crescimento do espaço tem sido fomentado principalmente pela experiência única de aten-

dimento. O trabalho artesanal, a proximidade com o público e a exclusividade ajudam a criar uma vivência que ultrapassa a relação cliente-empresa e garante uma página na trajetória da vida de cada pessoa atendida. “Eu amo contar histórias, e o vestido de noiva é uma das formas mais bonitas de fazer isso. Sou apaixonada por casamentos — casaria todo ano, se pudesse.”

A produção sob medida evita desperdícios e excessos. “Na realidade ambiental em que vivemos, a marca reforça a importância da responsabilidade social”, diz a empresária. Sobras de tecidos são doadas para ONGs que trabalham com crianças e também voltadas a animais. Além disso, o ateliê mantém patrocínios a organizações ligadas à causa feminina.

“Quando pensamos em moda, muitas vezes vêm à mente as grandes indústrias e o fast fashion. No entanto, os tecidos que sobram podem ser reaproveitados, contribuindo, por exemplo,

para a produção de caminhas para pets e gerando novas possibilidades de renda. Esse movimento é muito importante, especialmente por envolver o trabalho com mulheres, apoiar outras mulheres e fortalecer uma moda autoral que busca crescer e ganhar visibilidade”, explica Camila.

A trajetória do atelier começou na infância. Camila, filha de dona Gema, costureira, também cresceu cercada por fortes referências femininas. O interesse começou cedo, quando iniciou como modelo, e se consolidou aos 15, ao ganhar sua primeira máquina de costura e passar a criar suas próprias roupas com a ajuda da mãe.

Mesmo após um período morando na Alemanha, a escolha pela moda permaneceu firme. Formada em Moda pela Feevale, Camila inicialmente se interessava pela pesquisa e produção de moda, mas menos de um ano após a graduação decidiu fundar o Camila Paulo Atelier, dando início à sua jornada autoral.



CAMILA PALUDO ATELIER/DIVULGAÇÃO/JC

Nosso crescimento vem do atendimento personalizado e exclusivo que oferecemos. Os vestidos de noiva e de festa são nossos principais produtos, e nossa equipe conta com seis integrantes. Acompanho pessoalmente cada cliente, do primeiro contato à produção e costura do vestido

Camila Paludo
Estilista e fundadora

Raio-x

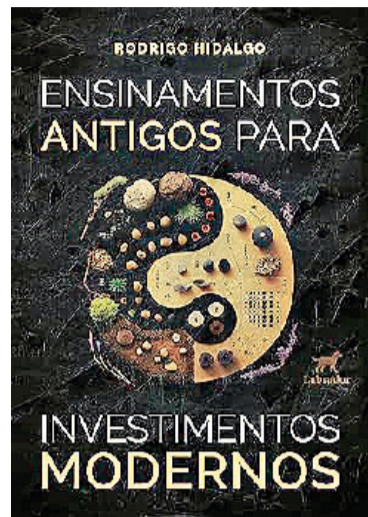
- **Empresa:** Camila Paludo Atelier
- **Ano de fundação:** 2017
- **Cidade de origem:** Garibaldi
- **Área de atuação:** Moda
- **Faturamento em 2025:** R\$ 500 mil
- **Projeção de faturamento para 2026:** R\$ 700 mil
- **Principais produtos ou serviços garantindo receita:** vestidos de noiva e vestido de festa.
- **Diferenciais competitivos:** produção manual de alta qualidade; contato direto com a cliente usando o serviço/produto como experiência.
- **Principais clientes ou segmentos atendidos:** Noivas e clientes de vestidos de festa que buscam peças exclusivas, sob medida, com alto padrão de acabamento e experiência personalizada.
- **Investimentos em inovação e tecnologia:** Uso de ferramentas digitais para criação, gestão e comunicação, aliando tecnologia ao trabalho artesanal.
- **Onde a empresa quer estar em cinco anos:** Ser referência em moda autoral gaúcha com reconhecimento nacional, destacando a experiência única de vestir um Camila Paludo Atelier. Crescer em valor e posicionamento de marca, mantendo a essência do acolhimento, do atendimento próximo e da moda feita com significado.



CAMILA PALUDO ATELIER/DIVULGAÇÃO/JC

Camila ganhou sua primeira máquina de costura e passou a criar suas próprias roupas com a ajuda de sua mãe Gema, que tem trajetória como costureira

FEED



Ensinaamentos antigos para investimentos modernos; Rodrigo Hidalgo ; Editora Labrador; 192 páginas; R\$ 49,90; Disponível em versão física e digital.

Finanças

O livro “Ensinaamentos antigos para investimentos modernos”, de Rodrigo Hidalgo, gestor financeiro e atualmente CEO da AXIOM Capital, é um convite ao leitor para uma jornada íntima de autoconhecimento que transcende os limites do mundo financeiro, abordando questões de todas as áreas da esfera pessoal.

Durante a leitura, o livro questiona verdades e padrões financeiros, revelando uma interpretação mais leve, consciente e significativa da relação humana com o capital. Em vez de focar apenas em técnicas ou fórmulas prontas, Hidalgo enfatiza o comportamento do investidor como fator central, destacando que decisões impulsivas e falta

de planejamento são grandes inimigos de bons resultados.

O autor discute conceitos como diversificação e visão de longo prazo, sempre relacionando essas práticas com princípios atemporais. Isso torna a leitura não apenas informativa, mas também reflexiva, incentivando o leitor a repensar sua relação com o dinheiro.

Em síntese, “Ensinaamentos antigos para investimentos modernos” se destaca por unir filosofia e finanças de maneira equilibrada. Rodrigo Hidalgo oferece uma abordagem que vai além de números e gráficos, propondo uma mudança de mentalidade como base para decisões financeiras mais conscientes.



Gestão da Inovação; Joe Tidd e John Bessant; Editora Bookman; 648 páginas; R\$ 238,00; Disponível em versão física e digital.

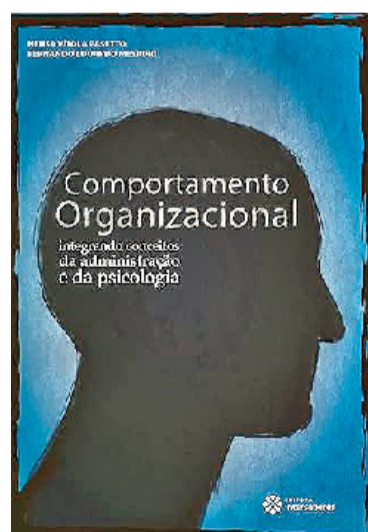
Administração

“Gestão da Inovação”, de Joe Tidd e John Bessant, é uma obra de referência para quem deseja compreender como a inovação pode ser estruturada e gerida dentro das organizações. Os autores, ambos reconhecidos na área de administração e inovação, combinam teoria e prática para apresentar modelos claros e aplicáveis ao contexto empresarial contemporâneo.

A obra parte do princípio de que inovar não é apenas ter ideias criativas, mas sim desenvolver processos consistentes que transformem essas ideias em valor real. Nesse sentido, Tidd e Bessant, exploram diferentes tipos de inovação, como a

de produto, processo, posição e paradigma, mostrando que a inovação pode ocorrer em diversas dimensões de uma empresa. Eles também destacam a importância do ambiente organizacional, da cultura e da liderança como fatores fundamentais para o sucesso inovador de uma organização.

O livro é essencial para estudantes e profissionais que desejam entender como transformar inovação em vantagem competitiva. Com uma abordagem didática e bem estruturada, Tidd e Bessant conseguem apresentar um tema complexo de forma acessível e de extrema relevância para diferentes contextos organizacionais.



Comportamento organizacional: integrando conceitos da administração e da psicologia; Neusa Vítoia Pasetto e Fernando Eduardo Mesadri ; Editora InterSaberes; 172 páginas; R\$ 69,00; Disponível em versão física e digital.

Recursos Humanos

A obra “Comportamento organizacional: integrando conceitos da Administração e da Psicologia” esclarece, ensina e orienta aos gestores características do comportamento organizacional com a finalidade de compreender e escutar as motivações de funcionários para torná-los mais satisfeitos e produtivos durante sua trajetória no ambiente de trabalho.

No decorrer da leitura, os autores demonstram como a área de comportamento organizacional tem sido cada vez mais levada em conta no estudo do funcionamento de uma empresa, onde o desenvolvimento das estratégias de atuação no mercado se tornam essenciais para a mesma. Ao

demonstrar que uma organização mantém seu funcionamento devido a pessoas e não números, a obra aborda e destaca temas sobre a psicologia e a administração para comunicar que, sendo em grupo ou individualmente, as pessoas podem influenciar o espaço de trabalho, resultando assim, na conquista de seus resultados mais esperados.

Voltado para gestores e profissionais de diferentes áreas, a leitura se torna ideal para quem deseja administrar uma organização juntamente a soluções e conceitos práticos que focam em tornar equipes de trabalho internamente e externamente mais conectadas e produtivas.



Inspira CIEE-RS: o poder transformador de uma oportunidade

Aos 19 anos, Iohana Ferreira já consegue identificar o ponto de virada da sua história. Hoje estudante de Psicologia, nem sempre enxergou com clareza o que queria da vida - e, por um período, faltava até ânimo para pensar nisso. Aos 16 anos, enfrentava um momento delicado de saúde mental e tinha na escola um ambiente difícil.

Foi uma amiga, Luisa Nazario, quem sugeriu que ela conhecesse o Centro da Juventude de Alvorada, ao perceber que o espaço poderia representar uma mudança de rumo. Sem muitas pretensões, Iohana aceitou conhecer o lugar.

O primeiro vínculo veio no atendimento psicológico. A escuta atenta e a abordagem humanizada foram determinantes para que ela permanecesse. Mas o acolhimento não veio apenas dos profissionais: a convivência com jovens abertos e receptivos ajudou a reconstruir sua confiança e a forma como passou a se relacionar com o mundo.



Iohana Ferreira - Arquivo pessoal

Iohana segue conectada ao espaço. Atua como jovem multiplicadora, incentivando outros jovens, e também como colaboradora na biblioteca do Centro, onde hoje ajuda a transformar a trajetória de outros.

Com a melhora do seu quadro de saúde, surgiram oportunidades de desenvolvimento. Cursos como noções administrativas e comunicação contribuíram para sua primeira experiência profissional.

Mas foi ali que nasceu algo maior: a escolha do futuro. Ao compreender, na prática, o impacto do acolhimento, Iohana encontrou propósito. “O CJ mudou o rumo da minha vida. Sou uma pessoa antes e outra agora. A escolha pela Psicologia tem relação direta com tudo o que vivi e com a vontade de levar isso para outras pessoas”, ressalta.

Para o CEO do CIEE-RS, Lucas Baldisserotto, histórias como essa traduzem o propósito da instituição: quando acolhimento, orientação e oportunidade caminham juntos, o impacto vai além do indivíduo e transforma trajetórias, famílias e comunidades inteiras.

O Centro da Juventude de Alvorada é um espaço voltado ao desenvolvimento de jovens, com foco em acolhimento e qualificação para a vida e o trabalho. A iniciativa é do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, em parceria com o CIEE-RS.

www.cieers.org.br
(51) 3363-1000



Acompanhe as nossas novidades





VISÃO EMPRESARIAL

Hugo Muller

Vice-presidente do Instituto de Estudos Empresariais (IEE)

Palco livre, debate franco

Estamos na semana do Fórum da Liberdade, um evento que há 38 edições se dedica à profundidade do debate político, econômico e social de forma livre. Em 2026, em sua 39ª edição e com o tema “O Brasil tem jeito”, o evento propõe, além da discussão sobre um caminho para o País, uma reflexão acerca do jeito do brasileiro, suas virtudes e vícios, na busca por respostas para a falta de coesão de valores nacionais. No fim do dia, esse desalinamento se traduz em um cenário político, institucional e econômico complexo, com obstáculos relevantes rumo a um futuro mais próspero.

A desconfiança nas instituições brasileiras se tornou crônica, corroendo a previsibilidade e dificultando a construção de consensos mínimos. Ao mesmo tempo, a economia segue, em grande medida, ancorada em estímulos artificiais baseados no gasto estatal, o que compromete a sustentabilidade do crescimento no longo prazo. Esse quadro interno se soma a um ambiente internacional cada vez mais instável, marcado por conflitos e tensões geopolíticas com impactos econômicos relevantes para o Brasil.

Diante disso, torna-se inevitável a pergunta: como chegamos até aqui? Em que medida esse cenário é reflexo das características da nossa sociedade, do nosso “jeito” de lidar com regras, instituições e responsabilidades? Mais importante, qual é o caminho para uma mudança de rota consistente?

O cenário é complexo, e é importante reconhecer que nossos desafios refletem também vícios e virtudes da própria sociedade. Em “Raízes do Brasil”, Sérgio Buarque de Holanda aponta traços como o personalismo e a dificuldade

de separar o público do privado, vícios frequentemente refletidos nos exemplos cotidianos do País. Por outro lado, é justamente na valorização de virtudes como responsabilidade individual, respeito às regras e apreço pela liberdade que reside o caminho para uma ordem mais estável e próspera.

Apesar dos desafios, o Brasil segue sendo uma das grandes potências globais, com recursos naturais abundantes e potencial em áreas estratégicas para o mundo, como sustentabilidade energética e segurança alimentar. As oportunidades existem, mas ainda são subaproveitadas. Se fôssemos mais consistentes e mais orientados à liberdade como nação, poderíamos colocar o País em uma trajetória significativamente mais dinâmica.

Um exemplo claro dessa relação entre valores, liberdade e prosperidade é a Revolução Americana. A independência dos Estados Unidos, declarada em 1776, há 250 anos, se apoiou na valorização da liberdade individual e econômica e na limitação do poder estatal. No mesmo ano, Adam Smith publicava “A Riqueza das Nações”, conectando essa base de valores à prosperidade econômica ao demonstrar que sociedades mais livres tendem a crescer de forma mais consistente.

É justamente sobre essas questões que o Fórum da Liberdade se debruçará, nos dias 9 e 10 de abril, no Centro de Eventos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Ao reunir diferentes visões e palestrantes de alto calibre, o evento busca promover um debate qualificado, franco e orientado a soluções, contribuindo para pensar caminhos concretos para um Brasil que, sim, tem jeito.

Se fôssemos mais consistentes e mais orientados à liberdade como nação, poderíamos colocar o País em uma trajetória significativamente mais dinâmica

OPINIÃO

Quando localização vale mais que metragem

Rodrigo Martins

Diretor regional da Plaenge e Vanguard

O mercado imobiliário costuma ser um bom termômetro das transformações sociais. Quando o modo de viver muda, a forma de morar acompanha — e, muitas vezes, antecipa esses movimentos. O crescimento dos domicílios unipessoais em Porto Alegre é menos um dado estatístico e mais um sinal claro de que estamos diante de uma redefinição do estilo de vida urbano.

Durante muito tempo, o conceito de qualidade habitacional esteve associado quase exclusivamente à metragem. Apartamentos maiores simbolizavam conforto e progresso. Hoje, essa lógica vem sendo substituída por outra variável: localização. Em um cotidiano marcado por agendas intensas e deslocamentos cada vez mais custosos, morar perto do trabalho, de serviços e das opções de lazer deixou de ser conveniência para se tornar um ativo de valor.

É nesse contexto que os estudos ganham protagonismo. Mais do que unidades compactas, eles representam uma escolha racional de consumo. Ao priorizar bairros consolidados e infraestrutura completa, esse

modelo permite trocar metros quadrados por tempo — o recurso mais escasso da vida urbana.

Há também uma mudança geracional relevante. Jovens profissionais, pessoas que vivem sozinhas, casais sem filhos e até investidores passaram a enxergar o imóvel não apenas como abrigo, mas como plataforma de mobilidade e autonomia. O endereço certo amplia possibilidades, encurta distâncias e favorece uma rotina mais fluida.

Isso não significa abrir mão de bem-estar. Pelo contrário. Projetos contemporâneos têm incorporado áreas comuns qualificadas, soluções inteligentes de planta e maior integração com o entorno. O conforto deixa de estar restrito ao interior

do apartamento e passa a dialogar com a cidade — uma extensão natural da experiência de morar.

Para o setor, o desafio é compreender expectativas mais sofisticadas. O consumidor atual valoriza conveniência, segurança, serviços próximos e a possibilidade de fazer mais a pé.

Essa visão já começa a se concretizar em projetos que incorporam a mobilidade como parte essencial da experiência de morar. No novo cenário urbano, tempo e deslocamento passaram a compor a equação de valor, e morar bem deixou de estar associado apenas ao tamanho do imóvel para se relacionar, cada vez mais, à qualidade das conexões que ele oferece.

Projetos contemporâneos têm incorporado áreas comuns qualificadas, soluções inteligentes de planta e maior integração com o entorno



Quatro lições sobre liderança

Daniel Quintana Sperb

CEO na FMP-RS

O cargo faz de você um gestor; é o seu time que faz de você um líder. Ao longo de duas décadas atuando em ambientes de inovação, tecnologia e transformação organizacional, esse foi um dos aprendizados que mais se confirmou na prática. Liderança não nasce do organograma. Constrói-se nas decisões difíceis, nos erros e aprendizados e, sobretudo, na forma como tratamos as pessoas.

Entre os princípios que reuni ao longo dessa trajetória, quatro se mostram centrais para compreender o papel de quem lidera equipes. O primeiro é o exemplo. A confiança do time nasce da coerência entre discurso e prática e se fortalece por meio de comunicação clara. Quem se comunica mal produz ruído, enfraquece decisões e

perde a capacidade de inspirar.

Feedback honesto e frequente continua sendo uma das ferramentas mais poderosas de crescimento profissional. Bons líderes reconhecem comportamentos positivos, corrigem rotas com respeito e jamais expõem erros em público. Preservar a dignidade das pessoas é uma marca das lideranças maduras.

O reconhecimento é mais poderoso que a crítica. Ambientes tóxicos afastam talentos e enfraquecem projetos. Quem lidera escuta diferentes perspectivas, mas entende que a responsabilidade final é sua. Para isso, precisa de visão, coragem e disposição para enfrentar problemas complexos.

Outro princípio importante é formar novos líderes. Em vez de centralizar decisões, quem conduz equipes desenvolve autonomia e estimula protagonis-

mo. Evidências reforçam ainda o valor da diversidade: empresas com pelo menos 30% de mulheres em cargos de liderança têm até 12 vezes mais chances de figurar entre as de melhor desempenho financeiro.

Em síntese, a liderança não se mede apenas pelo resultado que entrega, mas também pelo tipo de cultura que consolida, pelas pessoas que fortalece e pelo padrão de conduta que estabelece. Metas importam. Resultado importa. Mas nenhum crescimento é verdadeiramente admirável quando é construído à custa do medo, da vaidade ou da erosão silenciosa da confiança.

Empresas crescem por estratégia e execução. Mas permanecem relevantes quando são conduzidas por líderes capazes de combinar firmeza e humanidade, ambição e integridade, autoridade e exemplo.

REPORTAGEM ESPECIAL

Saúde ganha força e se consolida na economia gaúcha

Investimentos em hospitais privados avançam no Estado, com expansão de estrutura, tecnologia e novos serviços. Movimento envolve operadoras, pressiona custos e redefine o equilíbrio entre rede privada e sistema público de saúde

Carmen Carlet
Especial para o JC

Quem observa os principais hospitais do Rio Grande do Sul percebe que algo mudou. Obras avançam, novas alas começam a operar, equipamentos chegam e serviços se ampliam. Aos poucos, o que antes parecia uma estrutura estável dá lugar a um ambiente em movimento, onde crescer deixou de ser exceção.

A mudança não se concentra em um único lugar. Ela se espalha pelo Rio Grande do Sul e alcança hospitais privados, instituições filantrópicas e a própria rede pública, ainda que em ritmos diferentes. A saúde começa a sair do campo exclusivo do atendimento e passa a atuar em outras frentes, acompanhando investimentos, tecnologias e novos serviços. Um exemplo é o robô

Toumai, plataforma de cirurgia robótica de última geração adquirida no ano passado pelo Hospital Mãe de Deus, utilizada em diferentes especialidades, oferecendo procedimentos menos invasivos, mais precisos e com recuperação mais rápida.

Esse avanço também se reflete no volume de recursos direcionados ao setor. Nos últimos anos, investimentos públicos e privados passaram a sustentar essa modernização, reposicionando a saúde dentro da evolução econômica do Estado.

Nada disso, no entanto, reduz a tensão sobre o sistema.

A demanda continua maior do que a capacidade instalada e a maior parte da população segue dependente do Sistema Único de Saúde (SUS), que sustenta a base da rede. É nesse cenário que convivem realidades distintas. De um lado está a saúde privada que amplia estrutura e avança em complexidade, de outro, uma malha que enfrenta falta de leitos, limites de financiamento e custos crescentes.

O resultado não é homogêneo nem democrático. O que se vê é uma área em transformação, que se reorganiza e passa a ocupar um espaço mais claro na economia sem deixar de carregar desafios que seguem no centro da sua operação.

O novo momento começa a ganhar visibilidade também fora das fronteiras. O Rio Grande do Sul possui

hoje dois dos hospitais mais bem avaliados da América Latina, de acordo com ranking da Investigación de Mercados e Inteligencia de Negocios (Intellat) - empresa especializada em análise de dados em saúde. Em um universo de 80 instituições de nove países, o Hospital Moinhos de Vento (HMV) aparece como o sexto colocado, enquanto o Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) figura na 15ª posição no ranking, sendo o hospital público mais bem posicionado da lista.

Recursos aplicados na ampliação de estruturas, atualização de equipamentos e incorporação de tecnologia ajudam a explicar o avanço do setor observado em diferentes regiões do Rio Grande do Sul

Leia mais nas próximas páginas >>

MARCOS NAGELSTEIN/AGÊNCIA PREVIEW/DIVULGAÇÃO/JC



Entre as inovações está o robô Toumai, plataforma de cirurgia robótica de última geração adquirida pelo Hospital Mãe de Deus

REPORTAGEM ESPECIAL



LEONARDO LENSKIJ/DIVULGAÇÃO/JC

Recursos são destinados a melhorias em diferentes áreas, como os leitos da Unidade de Tratamento Intensivo do Hospital Santa Casa

Rio Grande do Sul amplia investimentos em saúde com foco na eficiência do sistema

Mais de R\$ 31 bilhões reforçam atenção primária e buscam reduzir custos hospitalares e ineficiências operacionais

Carmen Carlet
Especial para o JC

O avanço dos investimentos em saúde no Rio Grande do Sul não começa no hospital. Ele depende da capacidade do sistema de organizar uma demanda crescente e sustentar o atendimento ao longo da cadeia. Nos últimos anos, o governo do Estado passou a direcionar recursos com mais clareza para essa base. Desde 2019, mais de R\$ 31 bilhões foram destinados à saúde, entre custeio, obras e qualificação dos serviços. A lógica é reduzir a pressão sobre a estrutura e evitar que o atendimento opere no limite.

Parte desse movimento se estrutura em programas que buscam dar previsibilidade à rede.

Um exemplo é o Avançar na Saúde que, em suas diferentes fases, já mobilizou cerca de R\$ 1,2 bilhão. Dentro dele, o Avançar Mais Hospitais concentrou R\$ 1,08 bilhão até 2025, com recursos destinados à ampliação de unidades, melhorias estruturais e aquisição de equipamentos alcançando todas as macrorregiões do Estado. Ao levar estrutura para mais perto da população, reduz deslocamentos e reorganiza o fluxo de atendimento. Ainda assim, a mudança não começa no hospital.

É na atenção primária que a reordenação ganha consistência. A Rede Bem Cuidar, criada em 2021, já soma R\$ 427,4 milhões investidos e está presente nos 497 municípios gaúchos. São 707 equipes custeadas e obras realizadas em mais de 400 cidades, melhorando a capacidade de atendimento logo na entrada do sistema.

Mais do que folgar estrutura, o programa sustenta o funcionamento da malha. Desde a implantação, mais de R\$ 206 milhões foram destinados ao custeio, com repasses anuais superiores

a R\$ 70 milhões. Na prática, isso mantém equipes em atividade e unidades operando de forma contínua.

“Quando fortalecemos a atenção primária, conseguimos organizar melhor o acesso e evitamos que demandas que poderiam ser resolvidas na base cheguem aos hospitais”, afirma Arita Bergmann, que era titular da Secretaria da Saúde do Rio Grande do Sul (SES/RS) até a semana passada.

E quando isso não acontece, o efeito é imediato. A pressão se desloca para o sistema hospitalar. Unidades passam a operar com gargalos mais frequentes, os custos aumentam e a necessidade de reorganização se torna constante. O tamanho dessa estrutura aparece nos números. O Estado conta com 323 hospitais e 33.995 leitos, a maior parte vinculada ao sistema público. E é essa rede que precisa absorver a demanda quando a base não responde.

Há períodos em que a pressão se intensifica. No outono e no inverno, o aumento de casos respiratórios exige respostas

rápidas. O programa Inverno Gaúcho com Saúde prevê a abertura de mais de 1,4 mil leitos ao longo desses meses, com reforço de custeio e habilitação temporária de estruturas.

Ainda assim, desafogar a capacidade segue sendo um desafio permanente. Não apenas disponibilizar novos leitos, mas mantê-los em funcionamento, com equipe e financiamento adequados.

Ao mesmo tempo, a incorporação de tecnologia passa a integrar essa estratégia. No Grupo Hospitalar Conceição, em Porto Alegre, a plataforma cirúrgica robótica Versius amplia o tipo de procedimento realizado pelo SUS. A utilização será gradual, acompanhando a formação das equipes, com previsão de até 20 cirurgias mensais. Mais do que estender a capacidade cirúrgica, a tecnologia passa a integrar a formação de profissionais, criando um efeito que se prolonga no tempo.

Em paralelo, o Programa Assistir avança na tentativa de reduzir desigualdades regionais.

Investimentos em saúde no RS desde 2019
R\$ 31 bilhões

Aplicados pelo programa Avançar na Saúde
R\$ 1,2 bilhão

Investimentos programados no Avançar Mais Hospitais até 2025
R\$ 1,08 bilhão

Investidos na Rede Bem Cuidar
R\$ 427,4 milhões

Destinados ao custeio da atenção primária
R\$ 206 milhões

Equipes custeadas pela Rede Bem Cuidar
707

Municípios com cobertura do programa no Estado
497

Hospitais integrantes da rede de saúde no RS
323

Leitos disponíveis no sistema hospitalar
33.995

Leitos abertos no período de maior demanda
1,4 mil

FONTE: SECRETARIA DA SAÚDE DO RS

Desde 2021, o número de ambulatórios incentivados passou de pouco mais de 100 para mais de 500, aumentando a oferta de consultas, exames e procedimentos em diferentes regiões.

A expansão ocorre em todas as regiões e aponta para uma redistribuição gradual da oferta. Mais serviços próximos da população, menor concentração de atendimentos.

Ao investir na base, reorganizar fluxos e ampliar a capacidade, o Estado tenta responder a uma pressão que não diminui. A demanda cresce, os custos acompanham e a necessidade de manter o sistema funcionando segue como o principal desafio.

Hospitais filantrópicos sustentam 70% do atendimento no Estado

Grande parte da saúde no Rio Grande do Sul não passa diretamente pela estrutura do Estado. Está nas mãos de hospitais filantrópicos que, no dia a dia, absorvem a maior parte dos atendimentos e garantem que a rede funcione. Mais de 70% da assistência prestada pelo SUS ocorre nessas instituições, segundo estimativa da Federação das Santas Casas e Hospitais Sem Fins Lucrativos do Rio Grande do Sul, que reúne 251 hospitais de um total de 333 existentes no Rio Grande do Sul. É uma malha ampla, presente em diferentes regiões e responsável por sustentar o atendimento de forma contínua.

Os números ajudam a entender o peso dessa operação. Em 2025, foram quase 286 mil cirurgias, além de mais de 51 mil partos, 37 mil atendimentos em cardiologia e outros 52 mil na área oncológica. Um volume distribuído pelo território, sem depender de um único centro.

Mesmo com limitações conhecidas, a modernização segue acontecendo. Equipamentos são atualizados, áreas de diagnóstico ganham reforço e processos passam por digitalização. “Mesmo com o histórico déficit de financiamento do SUS, os hospitais continuam evoluindo, incorporan-

do tecnologia, ampliando serviços e qualificando a assistência”, afirma a presidente da federação, Vanderli de Barros.

O financiamento não vem de uma única fonte. Programas públicos, emendas parlamentares, crédito e recursos próprios compõem a base que viabiliza obras, compra de equipamentos e ampliação de serviços. Não há um valor consolidado para toda a rede, justamente pela autonomia de cada instituição.

Em Porto Alegre, os investimentos aparecem de forma mais visível. O complexo da Santa Casa projeta aplicar R\$ 243,5 milhões até o primeiro semestre de 2028, com R\$ 198,8 milhões já captados. Os valores estão direcionados à ampliação da capacidade assistencial, atualização tecnológica e qualificação de serviços especializados.

No Hospital Santa Rita, a previsão inclui a instalação de um acelerador linear para radioterapia, estimado em R\$ 13 milhões, e de um PET-CT, que é a combinação de dois exames - tomografia por emissão de pósitrons e tomografia computadorizada -, com investimento de R\$ 12,4 milhões. No Hospital Santa Clara, a modernização da UTI, entregue neste ano com aporte de R\$ 14,8 milhões,

integra um conjunto de melhorias que também contempla a nova Central de Material e Esterilização, prevista em R\$ 32,5 milhões.

Fora da Capital, a mesma lógica se repete, com características próprias. Em Ijuí, o Hospital de Clínicas consolidou, nos últimos anos, um ciclo de qualificação que combina tecnologia, expansão e reorganização da estrutura. Referência para 283 municípios, o Clínicas opera com taxa de ocupação superior a 90% e expande gradualmente sua capacidade de atendimento.

Entre os principais projetos está a instalação de um novo acelerador linear para o serviço de radioterapia, com investimento total de R\$ 13 milhões, sendo R\$ 10 milhões provenientes do Ministério da Saúde e R\$ 3 milhões de recursos próprios. A expectativa é dobrar a capacidade de atendimentos na área oncológica.

A instituição também recebeu um equipamento de braquiterapia, com valor superior a R\$ 3 milhões por meio do Programa Nacional de Apoio à Atenção Oncológica, além de recursos captados para a aquisição de um PET-CT, em funcionamento desde fevereiro deste ano. Na área de hemodinâmica, a instalação de um novo angiógrafo, avaliado em R\$ 3 milhões, reforça



VANDERLI DE BARROS/ARQUIVO PESSOAL/JC

Vanderli diz que instituições continuam evoluindo apesar das dificuldades

a estrutura assistencial.

Para acomodar os novos equipamentos, o hospital investiu cerca de R\$ 3 milhões em adequações físicas com recursos próprios. Ao mesmo tempo, alarga a capacidade assistencial. Estão em andamento a construção de uma nova UTI adulto, com dez leitos adicionais e mais área para o centro cirúrgico - que passará a contar com oito salas e 19 leitos de recuperação pós-anestésica. As melhorias vêm com investimento

de R\$ 10,2 milhões oriundos programa Avançar Mais na Saúde.

O que se vê, tanto na Capital quanto no Interior, é uma rede que sustenta o atendimento e, ao mesmo tempo, segue investindo para não perder capacidade de resposta. Entre custos elevados, necessidade permanente de custeio e pressão por atendimento, esses hospitais continuam sendo o ponto de equilíbrio de um sistema que depende deles para funcionar.

Mercado suplementar ganha espaço e reforça peso no cenário econômico

Conseguir atendimento com agilidade faz diferença. É esse aspecto que a saúde suplementar se posiciona e ganha espaço dentro da economia do Estado. Em períodos de crescimento, o número de beneficiários tende a avançar. Quando há retração, o movimento desacelera. “O mercado de saúde suplementar no Estado é condicionado ao ambiente econômico”, afirma Geison da Silva Tremea, diretor executivo da Unimed Federação/RS.

A presença nas diferentes regiões ajuda a sustentar essa dinâmica. Com cooperativas distribuídas em todo o Estado, o sistema acompanha cadeias produtivas diversas, do agronegócio à indústria, passando por comércio e serviços. Quando um segmento perde força, outro mantém a demanda.

No RS, o Sistema Unimed reúne 11 hospitais próprios, além de clínicas, laboratórios

e uma rede credenciada composta por mais de dois mil prestadores. A estrutura permite acompanhar toda jornada do paciente.

O movimento também se traduz em investimento na rede própria. A Unimed Porto Alegre prepara a implantação de um novo complexo no Espaço

Unisinos, com aporte estimado em R\$ 200 milhões na primeira etapa e operação em 2027. A unidade terá pronto atendimento, serviços de oncologia e diagnóstico, além da integração com a regulação do SOS Unimed.

Segundo o presidente do Conselho de Administração, Márcio Pizzato, o projeto integra o planejamento estratégico da cooperativa e responde ao crescimento da demanda na Capital e na Região Metropolitana, ampliando a capacidade de atendimento e contribuindo para reduzir a pressão sobre os hospitais.

Há também um efeito que ultrapassa a assistência direta. A operação movimenta profissionais, fornecedores, serviços e tecnologia, formando uma cadeia que se distribui por diferentes áreas do mercado. Não se trata apenas de atendimento médico, mas de um conjunto de ati-

vidades que gera circulação de recursos e sustenta empregos.

Ao mesmo tempo, a expansão traz custos mais elevados. A incorporação de novas tecnologias, a ampliação de coberturas e o avanço de tratamentos mais complexos aumentam o gasto assistencial e exigem maior controle.

Um aspecto destacado por Tremea é a judicialização que impõe coberturas não previstas no cálculo das mensalidades. Elas pressionam o equilíbrio do sistema e dificultam o planejamento.

Diante desse cenário, a busca por eficiência ganha espaço. A estratégia passa por ampliar ações de prevenção, organizar melhor o cuidado e ajustar a oferta de serviços, a fim de reduzir a necessidade de intervenções mais complexas.



UNIMED PORTO ALEGRE/DIVULGAÇÃO/JC

Pizzato explica que objetivo é ampliar a capacidade de atendimento

REPORTAGEM ESPECIAL

*Expansão leva em conta oferta de novos serviços***Carmen Carlet**

Especial para o JC*

A expansão da saúde no Rio Grande do Sul passa obrigatoriamente pelos hospitais. Não apenas na abertura de novos serviços, mas na forma como essas instituições reorganizam suas estruturas para responder a uma demanda mais complexa, mais exigente e com custo crescente.

Esse movimento não segue um único padrão. Cada hospital avança a partir da sua capacidade de investimento, do perfil de atendimento e do espaço que ocupa dentro do sistema. Ainda assim, há um ponto que se repete. Ampliar a estrutura deixou de ser escolha e passou a ser condição para sustentar a operação em um ambiente de pressão constante.

Nos últimos anos, o aumento de procedimentos de maior complexidade, associado à incorporação de tecnologia e ao maior tempo de permanência dos pacientes, elevou o custo operacional das instituições. Esse cenário impõe um novo ritmo de investimento. Crescer exige não apenas expansão física, mas reorganiza-

ção interna, qualificação de equipes e maior controle sobre custos e eficiência. Esse equilíbrio entre expansão e sustentabilidade passa a orientar as decisões das instituições de saúde.

Em Porto Alegre, o Hospital Moinhos de Vento mantém um dos ciclos mais consistentes de investimento do Estado. Foram R\$ 220 milhões aplicados em 2025, dentro de um plano que soma R\$ 530 milhões no biênio 2024-2025. A entrega do Hospital do Coração concentra parte desse avanço. Com R\$ 190 milhões investidos, a nova estrutura amplia a atuação em cardiologia e cirurgia cardiovascular, com 33 leitos de terapia intensiva, 20 leitos de internação e quatro salas de hemodinâmica.

A expansão não se encerra nesse ciclo. Para 2026, estão previstos R\$ 210 milhões em novos aportes. O planejamento até 2029 inclui mais R\$ 250 milhões destinados à construção de uma torre educacional. A combinação entre assistência e formação indica uma estratégia de longo prazo, voltada à sustentabilidade do avanço em áreas de alta complexidade. “Nosso foco é crescer



LEONARDO LENSKIJ/DIVULGAÇÃO/JC

Hospital Moinhos de Vento conta com equipamento de última geração para procedimento de hemodinâmica

com responsabilidade e visão de longo prazo. Cada investimento está ligado à ampliação do acesso à alta complexidade e à formação de profissionais preparados”, afirma o CEO do hospital, Mohamed Parrini.

Na mesma direção, o Hospital Mãe de Deus avança pela incorporação de tecnologia como eixo estruturante. A utilização de robôs cirúrgicos, como

o Toumai e o Mazor, amplia a realização de procedimentos minimamente invasivos, com impacto direto na recuperação dos pacientes e no tempo de permanência hospitalar. Ao mesmo tempo, a Inteligência Artificial passa a integrar a rotina em exames, laudos e acompanhamento clínico.

Esse movimento não ocorre de forma isolada. A instituição

prepara a abertura de um Centro de Pesquisa Clínica, prevista para 2026, com estrutura voltada a estudos, processamento de amostras e atendimento de pacientes participantes. A iniciativa amplia o acesso a novos tratamentos e insere o hospital em redes internacionais, ampliando sua capacidade de inovação e sua inserção em um ambiente mais competitivo.

Interior adota diferentes formatos e investe em mudanças no modelo de cuidado

Fora de Porto Alegre, a expansão assume outros formatos e revela mudanças no modelo de cuidado. No Grupo São Pietro, a estratégia combina ampliação de serviços com a incorporação de novas formas de atendimento. O avanço passa pela entrada no senior living, voltado a pessoas com mais de 60 anos, que integra moradia, assistência e serviços de saúde em um mesmo espaço.

A primeira unidade, em Porto Alegre, opera com cerca de 80% de ocupação das 114 suítes disponíveis. A expansão já está em curso, com uma segunda unidade prevista para 143 suítes e uma terceira, em Canela, com 171. O modelo aponta para uma reorganização do cuidado, que deixa de estar concentrado exclusivamente no hospital e passa a se distribuir ao longo da jornada do paciente.

Ao mesmo tempo, o grupo mantém investimentos na estrutura assistencial. O Hospital

Banco de Olhos São Pietro recebeu R\$ 20 milhões em duas fases de revitalização, com nova etapa prevista para 2026. Na Região Metropolitana, a inauguração de um hospital de oftalmologia em Gravataí amplia a capacidade de atendimento fora de Porto Alegre, com potencial para até oito mil consultas e 400 cirurgias por mês.

Na Serra Gaúcha, o cresci-

mento se conecta diretamente ao desenvolvimento regional. O projeto do Hospital Pompéia, em Canela, alia expansão da rede assistencial com o avanço do turismo de saúde. Com 16,2 mil metros quadrados, a estrutura contará com 45 leitos privativos, 30 semi-privativos, 10 leitos de UTI e seis salas cirúrgicas, além de áreas voltadas à oncologia e diagnóstico por imagem.



POMPÉIA PRYME/DIVULGAÇÃO/JC

Pompéia Pryme combina assistência com o avanço do turismo de saúde

A entrega dos pavimentos para testes técnicos está prevista para o início de 2027. A CEO Lara Vieira afirma que o Pompéia Ecosistema de Saúde atende hoje 48 municípios da Serra e destaca que o turismo de saúde deve movimentar US\$ 3 bilhões no Brasil até 2027. Sete em cada 10 pacientes atendidos na unidade de Caxias do Sul vêm de outros estados. “Queremos ser, também, o suporte da hotelaria de Canela e Gramado”, afirma.

Com 112 anos de atuação, a instituição foi incluída na lista dos melhores hospitais do mundo, segundo a revista Newsweek, ocupando a terceira posição no Rio Grande do Sul e a primeira na Serra Gaúcha. O reconhecimento reforça o posicionamento da região como polo de atração de pacientes e serviços especializados.

Entre instituições privadas e projetos regionais, a expansão não segue uma única lógica. No Hospital de Clínicas de Porto

Alegre, esse movimento ocorre dentro de uma estrutura pública. Vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) e ao Ministério da Educação (MEC), o hospital avança na reorganização de áreas e na ampliação de serviços de alta complexidade.

A consolidação do Bloco B concentra emergência, centro cirúrgico e unidades de terapia intensiva. O Centro Integrado de Oncologia deve entrar em operação ainda neste ano. Há também planos de expansão da hemodiálise, com duplicação da área destinada ao serviço, além do aumento gradual da capacidade cirúrgica e das áreas pediátricas, acompanhando o crescimento da demanda.

Ao mesmo tempo em que amplia serviços, o hospital enfrenta um desafio que acompanha toda a rede pública. Sustentar o crescimento e manter a qualidade do atendimento em um ambiente de pressão financeira permanente.

REPORTAGEM ESPECIAL

Startups transformam pesquisas em negócios concretos para o Estado

Nem todo investimento em saúde aparece em obras, equipamentos ou novos leitos. Parte dele acontece antes, em um espaço menos visível, onde pesquisa, tecnologia e mercado passam a caminhar juntos — e onde começa a surgir uma nova frente de desenvolvimento.

No Rio Grande do Sul, essa articulação ganha forma dentro de um conjunto que reúne universidades, hospitais, startups e investidores. Mais do que inovação, trata-se de um ambiente que transforma conhecimento em atividade econômica e amplia o papel da saúde para além do atendimento.

No Tecnopuc - um dos principais parques científicos do País - essa dinâmica se materializa em números. São mais de 300 organizações instaladas, com cerca de 6,5 mil pessoas circulando semanalmente em uma área de 90 mil metros quadrados. Desse total, 120 são startups — e uma parte significativa atua na área da saúde, sinalizando onde está parte do crescimento.

“Quando se observa esse conjunto de atores, fica evidente que há uma estrutura organizada de inovação em saúde no Estado”, afirma o professor Rafael Baptista, coordenador do Biohub no Tecnopuc. Para ele, o diferencial está na forma como esses agentes se conectam.

Essa aproximação não acontece de forma espontânea. O Biohub atua justamente na ligação entre pesquisa, hospitais e empresas, criando condições para que ideias saiam do laboratório e encontrem aplicação prática. “Quando pesquisam, hospi-

tais e empresas se conectam e o resultado é a geração efetiva de negócios”, afirma o professor.

Hoje, quatro instituições de saúde integram diretamente essa estrutura: Hospital São Lucas da Pucrs, Rede de Saúde da Divina Providência, Hospital Ernesto Dornelles e Casa Menino Jesus de Praga. A presença desses parceiros permite testar soluções dentro da rotina hospitalar, encurtando o caminho entre desenvolvimento e uso.

Um dos mecanismos utilizados são os programas de prova de conceito. Neles, hospitais apresentam problemas reais e as startups desenvolvem soluções a partir dos desafios. As iniciativas passam por testes e, quando funcionam, são incorporadas à operação. Em alguns casos, mais de uma instituição adota a mesma solução, o que confere maior alcance e viabilidade comercial.

Esse processo também reduz riscos. Antes de investir em larga escala, hospitais conseguem testar tecnologias em ambiente real, enquanto as startups validam seus produtos e aumentam as chances de inserção no mercado. O resultado aparece na velocidade com que soluções deixam de ser apenas projetos e passam a integrar a rotina dos serviços.

Há exemplos concretos desse movimento. A SysQualis - startup membro do Biohub - desenvolveu um sistema que integra dados de pacientes entre diferentes hospitais, conectando exames, consultas e histórico clínico. O resultado, segundo Baptista, aparece na prática. São menos repetição de exames, mais precisão na tomada de decisão e redução de gastos desnecessários.

Em outra frente, a TWD Medical estruturou um modelo de telemedicina voltado a exames

cardiológicos em municípios do interior. Os dados são coletados localmente e enviados para análise em Porto Alegre, ampliando o acesso a diagnósticos especializados sem exigir deslocamento — o que melhora a organização da rede e reduz custos.

Além do impacto assistencial, há um efeito econômico direto, conforme analisa Baptista. Soluções que ganham escala deixam de ser iniciativas pontuais e passam a gerar receita, atrair investimento e abrir espaço para novos modelos de negócios dentro da saúde, um setor que historicamente operava com menor integração entre pesquisa e mercado.

No entanto, mesmo com avanços, ainda há limites. “Outros estados contam com maior volume de recursos e incentivos. O Rio Grande do Sul perde nesses aspectos, mas se destaca pela organização”, afirma Baptista.

Nesse cenário, as universidades seguem como base. É nelas que estão os pesquisadores, os laboratórios e o conhecimento que sustenta as chamadas deep techs - empresas que operam na fronteira científica e exigem mais tempo e investimento até chegar ao mercado. Na saúde, isso envolve desde novos medicamentos até pesquisas com células-tronco, processos que dependem de validação rigorosa.

Esse tipo de iniciativa exige capital e paciência. Diferentemente de soluções mais rápidas, que chegam ao mercado em ciclos curtos, projetos baseados em pesquisa avançada percorrem etapas mais longas até se consolidar. Quando avançam, no entanto, tendem a ocupar posições estratégicas e a gerar maior valor agregado. Aos poucos, o que se consolida no Estado é uma nova dimensão dentro da saúde.



TECNOPUC/DIVULGAÇÃO/JC

Tecnopuc, que recebe cerca de 6,5 mil pessoas a cada semana, abriga um número relevante de empresas emergentes do segmento

Equilíbrio financeiro desafia expansão dos serviços no Rio Grande do Sul

A saúde movimenta cifras altas, mas o que sustenta esse volume nem sempre aparece. Por trás dos investimentos, existe um sistema que precisa se equilibrar todos os dias para continuar funcionando.

Desde 2019, o governo do Rio Grande do Sul destinou mais de R\$ 31 bilhões à área. Parte desse valor mantém a rede em operação, parte amplia serviços e atualiza estruturas. O número é expressivo,

mas não resolve a equação.

E o limite aparece quando a conta não fecha. Em 2023, o Estado registrou déficit superior a R\$ 330 milhões no financiamento de procedimentos de média e alta complexidade do SUS. Na prática, isso significa que uma parcela dos custos fica fora do repasse federal e precisa ser absorvida dentro da própria rede.

O descompasso não fica restrito ao orçamento. Ele chega à operação. Hospitais reorganizam

serviços, ajustam estruturas e passam a decidir não apenas com base nas demandas, mas também na capacidade de financiar cada atendimento.

Essa dinâmica ajuda a entender por que a saúde deixou de ser observada apenas pelo que entrega na ponta. Em artigo publicado, o economista Giacomino Balbinotto Neto, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), aponta que o setor opera sob uma restrição perma-

nente de recursos, em que cada escolha carrega um custo.

Quando se amplia o olhar, o peso do segmento ganha outra dimensão. No Brasil, os bens e serviços ligados à saúde representam cerca de 9,6% do Produto Interno Bruto (PIB) segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ainda que não exista um recorte consolidado específico para o Estado, a estrutura gaúcha — com rede hospitalar ampla, presença da iniciativa pri-

vada, investimento público contínuo e um ambiente ativo de inovação — indica uma participação relevante dentro desse conjunto.

Mais do que o volume investido, o ponto está na sustentação. A saúde cresce, incorpora tecnologia e novos serviços, mas carrega um desafio constante: financiar esse avanço sem comprometer o próprio funcionamento. No fim, não é apenas uma questão de expansão. É uma conta que precisa fechar todos os dias.

REPORTAGEM ESPECIAL

Unimed Serra Gaúcha acelera jornada digital e verticaliza gestão de serviços

Roberto Hunoff, especial para o JC
De Caxias do Sul

Uma das 27 cooperativas médicas do Rio Grande do Sul, a Unimed Serra Gaúcha atua em 17 municípios, atendendo em torno de 466 mil vidas, com uma estrutura que contempla hospitais em Caxias do Sul, com 360 leitos, e Farroupilha, com mais 100. Num processo de profissionalização da gestão, o grupo tem 3,5 mil funcionários, dos quais 2,5 mil nos hospitais, e investimentos relevantes no processo digital visando qualificar o atendimento dos usuários e melhorar o desempenho operacional.

Empresas & Negócios – Qual tem sido o foco central da atual gestão da Unimed Serra Gaúcha para aprimorar o atendimento médico-hospitalar?

André Leite – Atuamos no tripé pessoas, processos e tecnologia. A ênfase está na capacitação, formação de lideranças, metas de produtividade e investimentos em tecnologias que gerem soluções. O objetivo central é a qualidade assistencial, garantindo bem-estar e conforto aos usuários, e redução dos recursos despendidos, o que repercute na melhoria dos índices de satisfação e dos indicadores de atendimento. Para alcançar estes objetivos, já temos implantados 19 processos de inteligência artificial. A migração para o meio digital permitiu criar um canal único de relacionamento via celular com os usuários, além da integração com os consultórios dos médicos cooperados. Desenvolvemos a ferramenta Command Center, com a qual acompanhamos a jornada do paciente em tempo real, gerando alertas sobre atrasos ou outras intercorrências, atuando sempre preventivamente e cuidando desde a limpeza do quarto ao atendimento no leito. Com base nas informações, as lideranças se reúnem rotineiramente para discutir gargalos e adotam condutas para abrir alas conforme a necessidade. Isso se traduz em economia relevante, otimização e melhoria de resultados,

ganhos de produtividade, de eficiência operacional no atendimento e segurança. Em 2025, o sistema garantiu economia de R\$ 12 milhões com o melhor aproveitamento dos leitos. Por sermos um hospital de alta complexidade, portanto, de custo elevado, é fundamental fazer o uso inteligente do leito.

Empresas & Negócios – Uma das queixas principais de quem precisa de atendimento em saúde é a demora nos pronto-atendimentos. Como a Unimed trata desta questão?

Leite – Sistemáticamente, mapeamos oportunidades para encontrar soluções para problemas como as filas, que é o maior gargalo das instituições de saúde e decorrência de uma questão cultural do usuário, pois 80% das consultas são eletivas e não de urgência. Em parceria com uma empresa portuguesa, criamos a fila virtual do pronto-atendimento. Por meio de aplicativo, questionamos o paciente e identificamos a sua real condição de saúde. Dependendo da resposta, é possível agendar uma consulta, avisando quando o paciente deve se deslocar para evitar demora no atendimento, fazer uso da telemedicina ou determinar o imediato encaminhamento ao hospital.

Empresas & Negócios – A Unimed Serra firmou parceria com o Grupo Zaffari para prestar atendimentos em shopping. Como vai funcionar?

Leite – Esta parceria dará origem a uma central de serviços no Bourbon Shopping San Pellegrino, em Caxias do Sul, com investimento estimado em cerca de R\$ 60 milhões e início operacional para este ano. No espaço de 3,5 mil metros quadrados, em dois andares do prédio, instalaremos laboratório de análises clínicas, centros de diagnóstico por imagem e da mulher, ambulatório, e loja comercial, entre outros serviços. Teremos equipamentos pioneiros no Brasil e de uso ainda limitado na América Latina. As tratativas se iniciaram há mais de um ano e foram motivadas pelo movimento de verticalização dos serviços da Unimed Serra



Segundo Leite, a ênfase inclui formação de lideranças, metas de produtividade e investimentos em tecnologias

Gaúcha. É uma operação totalmente inovadora, com uma experiência imersiva em tecnologia e digitalização de processos.

Empresas & Negócios – Como funciona esta verticalização dos serviços e porque está sendo adotada?

Leite – Os custos de saúde estão ficando muito caros e a margem de um plano de saúde é baixa, entre 3% a 4%, quando vai bem. O risco é altíssimo, além da judicialização. Por isso, a necessidade de buscar receitas alternativas. Há três anos criamos uma holding, chamada Unipart Serra Gaúcha, para responder por serviços de terceiros, como farmácia, estacionamento, serviço pet e seguros, dentre outros. Temos sob nossos cuidados 466 mil vidas e queremos trazer este público para estes negócios. A parte assistencial segue como res-

ponsabilidade da Unimed Serra Gaúcha.

Empresas & Negócios – Como tem se comportado a situação econômica da cooperativa?

Leite – Nos últimos dois anos, tivemos um crescimento orgânico importante, na casa dos 14%. Estamos mantendo investimentos relevantes para qualificar a estrutura física e tecnológica do hospital e dos demais serviços oferecidos. Em 2025, aplicamos R\$ 40 milhões e, para este ano, devemos dobrar. Uma das entregas é o segundo hospital da cooperativa, em Farroupilha, com 100 novos leitos. Também trabalhamos visando parcerias público privadas, com repercussão positiva para toda a sociedade. Junto ao Estado avaliamos uma parceria para transplantes de medula óssea e outros posteriormente. Ao setor público interessa por vários motivos, como excelência de qualidade, menor custo e aumento na oferta dos procedimentos. Vai contribuir para resolver um gargalo do estado, onde a fila de transplantes é grande.

Empresas & Negócios – Como avalia os resultados decorrentes dos aportes em robótica?

Leite – A Unimed Serra Gaúcha foi uma das últimas a investir nesta tecnologia. A preocupação era garantir eficiência e sustentabilidade do negócio diante do valor relevante inves-

tido. Para agregar valor, criamos um auditório envidraçado com a ideia de não ser só um ponto de cirurgia, mas um centro de capacitação, inclusive com simulador realista. Não há nada similar no Brasil. O acompanhamento da cirurgia no auditório só ocorre com autorização expressa do paciente e após estar anestesiado e coberto, bem como com aprovação do cirurgião. O sistema é integrado por áudio e vídeo, permitindo aprendizagem diferenciada. Também é possível acompanhar a cirurgia em outro auditório, com 200 vagas, que está conectada ao complexo. O centro de cirurgia robótica foi implantado em 2024 e já superamos a marca de 350 procedimentos.

Empresas & Negócios – Uma das recentes novidades é o chamado hospital lar. Como é o funcionamento deste serviço?

Leite – É uma iniciativa inédita no Brasil, que propõe um novo modelo de assistência hospitalar no domicílio por tempo determinado, voltado a casos agudos de baixa complexidade. A iniciativa acompanha uma tendência mundial de integrar tecnologia e humanização no cuidado, proporcionando mais conforto e segurança assistencial. O médico acompanha o paciente por meio de visitas presenciais e ou videochamadas, além do monitoramento dos sinais vitais.



A ferramenta Command Center acompanha a jornada do paciente em tempo real, gerando alertas sobre atrasos ou outras intercorrências

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Banda Musical Auxiliadora transforma realidades

Iniciativa oferece oficinas de música, orquestra de sopros e coral para crianças, adolescentes e adultos, com atividades gratuitas e abertas à comunidade

Marina Mugnol
marinam@jcrs.com.br

Partindo do princípio de que a música é um importante instrumento de transformação social, o projeto Banda Musical Auxiliadora oferece, desde 2012, atividades musicais à comunidade local. Situada no bairro Scharlau, em São Leopoldo, a iniciativa integra as ações da Associação Beneficente Nossa Senhora Auxiliadora, conhecida como Casa Auxiliadora, que neste ano completa 30 anos de desenvolvimento pessoal e social de crianças e adolescentes da região.

As atividades englobam, além da banda estilo marcial, uma orquestra de sopros, oficinas de coral e musicalização infantil para crianças de seis a oito anos. No total, a iniciativa atende cerca de 100 pessoas de idades variadas. Já a orquestra de sopros, responsável por grande parte das apresentações, conta com 28 integrantes, entre crianças e adolescentes. “Há desde estudantes a profissionais formados e aposentados que se encontram lá para fazer música. A gurizada é praticamente toda da redondeza e geralmente frequenta as atividades da casa no contraturno escolar”, explica Felipe Beuren, idealizador do projeto, captador de recursos e filho de uma das fundadoras da casa.

Para participar das atividades no contraturno escolar, a criança ou adolescente precisa estar cadastrado no CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) de São Leopoldo. Já para integrar apenas a banda não é necessário documento ou inscrição. “Sabe tocar um instrumento? É bem-



Projeto integra as ações da Casa Auxiliadora, que celebra 30 anos de atuação com foco no apoio social

-vindo. Sabe um pouco? Também é bem-vindo. Não sabe nada? É bem-vindo do mesmo jeito. Nós vamos encaixá-lo na turma que for mais adequada e confortável. É só chegar”, convida Beuren.

O projeto conta com quatro professores remunerados e um grupo de dez voluntários que colaboram, participam e fortalecem a iniciativa. Para se voluntariar basta ter boa vontade e disposição.

“O voluntariado vai desde a atenção no dia a dia até o ensino de técnicas musicais. Há voluntários que atuam com mão de obra, trocando experiências e ensinando sobre o mercado de trabalho e a vida, por exemplo. Também contamos com aqueles que contribuem financeiramente.”

Além do apoio e incentivo da comunidade, a principal fonte de recursos do projeto vem do Ministério da Cultura, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, a Lei Rouanet. Dessa forma, empresas como a Sinoscar, braço

Chevrolet do Grupo Sinosserra, e a Geo Marítima contribuem com a iniciativa.

CUSTEIOS

Despesas como a contratação de professores, a aquisição de instrumentos, partituras e uniformes e a promoção de viagens para apresentações e lanches para as crianças são custeadas com a verba do incentivo, tornando essas atividades totalmente gratuitas à comunidade.

As apresentações externas também são sempre abertas e gratuitas. Eventualmente, o ingresso consiste na doação de um quilo de alimento não perecível, de itens escolares ou de higiene pessoal, que são destinados às famílias atendidas.

Ainda assim, segundo Beuren, como qualquer outro projeto social, a falta de recursos financeiros é um gargalo permanente. “Os instrumentos de sopro são caros e exigem manutenção contínua. Todo mês temos gastos

com isso”, explica.

A permanência dos alunos também é um desafio. “Se recebemos uma turma de 25 alunos, apenas cinco ou dez permanecem. Isso é normal. Mas também temos alunos que começaram pequenos nas atividades da Casa, percorreram todo o caminho e, hoje, já adultos, na faculdade, trabalhando, continuam participando ou atuando como voluntários”, acrescenta Beuren.

Uma das participantes que criou raízes e segue consolidando sua trajetória na banda é Mirielli da Silva, de 16 anos. Segundo ela, além do aprendizado musical, o projeto também ensina sobre família e cuidado. Participante ativa da casa desde os seis anos, foi ali que a jovem teve seu contato inicial direto com a música.

“Foi minha primeira experiência com instrumentos musicais fora do celular e, desde o primeiro dia, eu adorei. Comecei a tocar um instrumento ou outro e

nunca mais parei, fui crescendo e evoluindo lá dentro”, lembra.

OPORTUNIDADES

Foi também por meio do projeto que Mirielli teve a oportunidade de ingressar na Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Osipa). O incentivo dos professores e colegas, junto com os ensinamentos recebidos, foi fundamental para sua aprovação no processo seletivo. “No início, eu tocava clarinete, mas como o edital não contemplava esse instrumento, fui incentivada e orientada a aprender o oboé. De início tive medo, mas logo aprendi e, depois de um mês de preparo, fiz e fui aprovada na prova da Osipa”.

Atualmente, Mirielli participa de ambas as formações. Mesmo questionada sobre as diferenças e a dificuldade de conciliar as duas atividades, sua decisão segue firme: “Eu gosto muito da banda, foi onde comecei e onde aprendi tudo o que sei. Vou continuar aqui.”

Primeira apresentação acontece na véspera do Dia das Mães

A agenda da banda começa em 9 de maio, com a apresentação da Orquestra de Sopros Auxiliadora em homenagem ao Dia das Mães. O evento será realizado na Paróquia Nossa Senhora Aparecida, no bairro Scharlau, em São Leopoldo,

aberto à comunidade. O espetáculo ocorre após a missa, às 19h, e conta com a participação dos solistas Damiana Zago e Djeison Borges. As demais atividades anuais já têm destinos confirmados para o Natal: Igreja, Morro Reuter,

Dois Irmãos, Picada Café e Novo Hamburgo. A iniciativa também organiza anualmente uma prestação de contas à comunidade.

O concerto, organizado pela Casa, será realizado na Sociedade Orpheu, em São Leopoldo. “Nesse

concerto, além da orquestra de sopros, apresentamos também as outras oficinas da banda — coral e musicalização —, formando um grande espetáculo”, explica Felipe Beuren, idealizador do projeto. Recentemente, a adesão da

Sinoscar possibilitou a ampliação das atividades e dos instrumentos. Por isso, o projeto está com inscrições abertas para novas turmas. A recepção dos interessados será no dia 11 de abril, às 9h, na sede da Casa Auxiliadora.

Crédito ágil para o seu negócio.

Banrisul Giro Digital

é a linha de crédito ideal para necessidades de caixa, investimentos e melhorias no seu negócio.

- ◆ Contrate 100% online pelo Office Banking ou app Banrisul.
- ◆ Pague em até 12x, com liberação rápida dos recursos.

Acesse e saiba mais >



* Disponível para clientes com limite previamente aprovado.

Banrifone

Porto Alegre (51) 3210 0122
Interior e Outros Estados 0800 541 8855

SAC 0800 646 1515
Ouvidoria 0800 644 2200

Baixe o app:



banrisul
empresas

Siga nossas redes sociais:

